

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM GEOGRAFIA**

Helena Yasumura de Mello Cambauva Iglesias - 9827993

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A EVOLUÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO
DO SOLO URBANO NA REGIÃO DO PARQUE DO IBIRAPUERA,
SÃO PAULO**

**São Paulo
2021**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM GEOGRAFIA**

Helena Yasumura de Mello Cambauva Iglesias - 9827993

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A EVOLUÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO
DO SOLO URBANO NA REGIÃO DO PARQUE DO IBIRAPUERA,
SÃO PAULO**

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador (a): Prof. Dr. Reinaldo Paul Pérez Machado

**São Paulo
2021**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Nome: IGLESIAS, Helena Yasumura de Mello Cambauva.

Número de Folhas: 30

Título: Considerações sobre a evolução do uso e ocupação do solo urbano na região do Parque do Ibirapuera, São Paulo

Natureza: Trabalho de Graduação Individual (TGI) ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

“Se mais de nós valorizássemos comida e alegria e música acima de ouro acumulado, seria um mundo melhor.”

J.R.R. Tolkien

AGRADECIMENTOS

À minha avó, agradeço por ter acreditado que eu conseguia entrar na USP e tenho certeza que a senhora ora por mim aí do céu.

Agradeço aos meus pais, por terem me proporcionado apoio emocional e sustento na árdua jornada que me levou até aqui. Não foi nada fácil, mas chegou ao fim e espero orgulhá-los do mesmo modo que sempre me inspiraram em ser uma pessoa e uma estudante melhor.

Agradeço a um seletº grupo de nove amigos que conquistei nessa Universidade, que tornaram as alegrias maiores, e os fardos um pouco mais fáceis de carregar. Gostaria de destacar três deles, dentre os nove: agradeço à Fernanda, por me fazer rir, por deixar a minha vida mais leve e me apresentar o geoprocessamento, no qual eu descobri a minha paixão na Geografia; ao Felipe, por me fazer enxergar São Paulo de um jeito novo e por tantas explicações de maneiras muito mais fáceis do que as apresentadas em textos acadêmicos; e ao William, por ser meu grande amigo, companheiro de volta para casa, corretor de textos e por me colocar no caminho certo quando eu precisei.

Agradeço ao meu chefe Rodrigo, por ter sido tão gentil em me ensinar inúmeros procedimentos e a mexer nos programas que tornaram grande parte deste trabalho real.

Agradeço ao meu orientador, Reinaldo, pela imensa paciência comigo para realizar um trabalho de graduação individual durante uma pandemia, por me tranquilizar de que tudo acabaria bem e por ter partilhado tantos conhecimentos de forma clara e amigável. Aproveito também para agradecer ao grupo de orientandos do Professor Reinaldo, mesmo que a experiência tenha sido breve, foi maravilhoso poder conhecer pessoas e trabalhos diferentes, e ver que não estamos tão sozinhos assim na jornada acadêmica.

RESUMO

O trabalho realizado teve o intuito, através da análise de imagens e da confecção de mapas, de ilustrar como espaços naturais cada vez mais dão lugar às artificialidades modernas. Paisagens naturais deram lugar a espaços verdes artificiais e, nesse sentido, nasceu o Parque do Ibirapuera: de um vazio muito disputado à área verde famosa. Fazendo uso de bases cartográficas, fotografias aéreas e imagens de satélite LANDSAT 7 e 8, buscou-se entender se algo que foi criado com o intuito de ser um presente para a população da cidade de São Paulo em seu aniversário de quarto centenário continuou com a mesma finalidade. Similarmente, procurou-se observar o processo de verticalização ao longo do tempo e sua relação com o espaço mercantil.

Palavras-chave: Ibirapuera; Geoprocessamento; Análise de Imagens.

ABSTRACT

The work carried out had the intention, through the analysis of images and the construction of maps, to illustrate how natural spaces increasingly give way to the modern artificialities. Natural landscapes gave way to artificial green spaces and, in that sense, Ibirapuera Park was born: from a disputed void to the famous green area. Using cartographic bases, aerial photographs and LANDSAT 7 and 8 satellite images, it was sought to understand if something that was created with the intention of being a gift for the population of the city of São Paulo on its fourth centenary anniversary continued with the same finality. Similarly, it was sought -after to observe the verticalization process over time and its relationship with the mercantile space.

Key words: Ibirapuera; Geoprocessing; Image Analysis.

LISTA DE MAPAS

Figura 1: Localização da Área de Estudo.....	10
Figura 2: Área de Estudo em 1940, com zoom no Parque do Ibirapuera.....	20
Figura 3: Área de Estudo em 1954, com zoom no Parque do Ibirapuera.....	21
Figura 4: Área de Estudo em 2005, com zoom no Parque do Ibirapuera.....	22
Figura 5: Área de Estudo em 2011, com zoom no Parque do Ibirapuera.....	23
Figura 6: Área de Estudo em 2015, com zoom no Parque do Ibirapuera.....	24
Figura 7: Área de Estudo em 2020, com zoom no Parque do Ibirapuera.....	25
Figura 8: Renda Média Familiar Mensal, Reprodução de Mapa com Alteração de cores.....	26
Figura 9: Meios de Transporte.....	27
Figura 10: Comparativo entre 1940 e 1954.....	28
Figura 11: Comparativo entre 1954 e 2020.....	29

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	09
1.1 - LOCALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA	09
1.2 - OBJETIVOS	11
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	12
2.1 - BREVE HISTÓRICO DA ÁREA	12
2.2 - A CIDADE COMO NEGÓCIO	14
3 - METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS	18
4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
4.1 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA.....	33

INTRODUÇÃO

Segundo FORTUNATO (2012):

A cidade de São Paulo elevou-se à categoria de metrópole há menos de cem anos. Foi graças ao café e investimentos em prol da industrialização que começou a expandir no final do século XIX e início do século XX, momento que coincide com um movimento importado dos Estados Unidos, que é a verticalização edilícia, intensificada na década de 1930. Nessa época, apesar da decadência do café, São Paulo apresentava expressivo crescimento econômico com a industrialização, e já predizia que seu crescimento vertical seria ainda mais significativo. (FORTUNATO, 2012)

Este trabalho apresenta-se como uma tentativa de ponderar acerca do crescimento e verticalização do espaço urbano, tendo como objeto de pesquisa o famoso Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Primeiramente, serão apresentados os pressupostos que orientaram o trabalho e que são imprescindíveis para qualquer pesquisa acadêmica. Depois, será mostrada a evolução do uso do solo na área a partir da comparação e interpretação de imagens aéreas. Por fim, a discussão acerca do que pode ser inferido sobre o tema e como isso se relaciona à urbanização como um todo.

1.1 - LOCALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Sendo o parque uma área de lazer fixa na cidade, optou-se por desenvolver o trabalho a partir de seu entorno imediato. Desse modo, a área de estudo escolhida é a Subprefeitura da Vila Mariana, onde dentro se localizam os distritos de Moema (o qual abriga o Parque do Ibirapuera), Vila Mariana e Saúde, situados no município e Estado de São Paulo, como mostra a **Figura 1**.

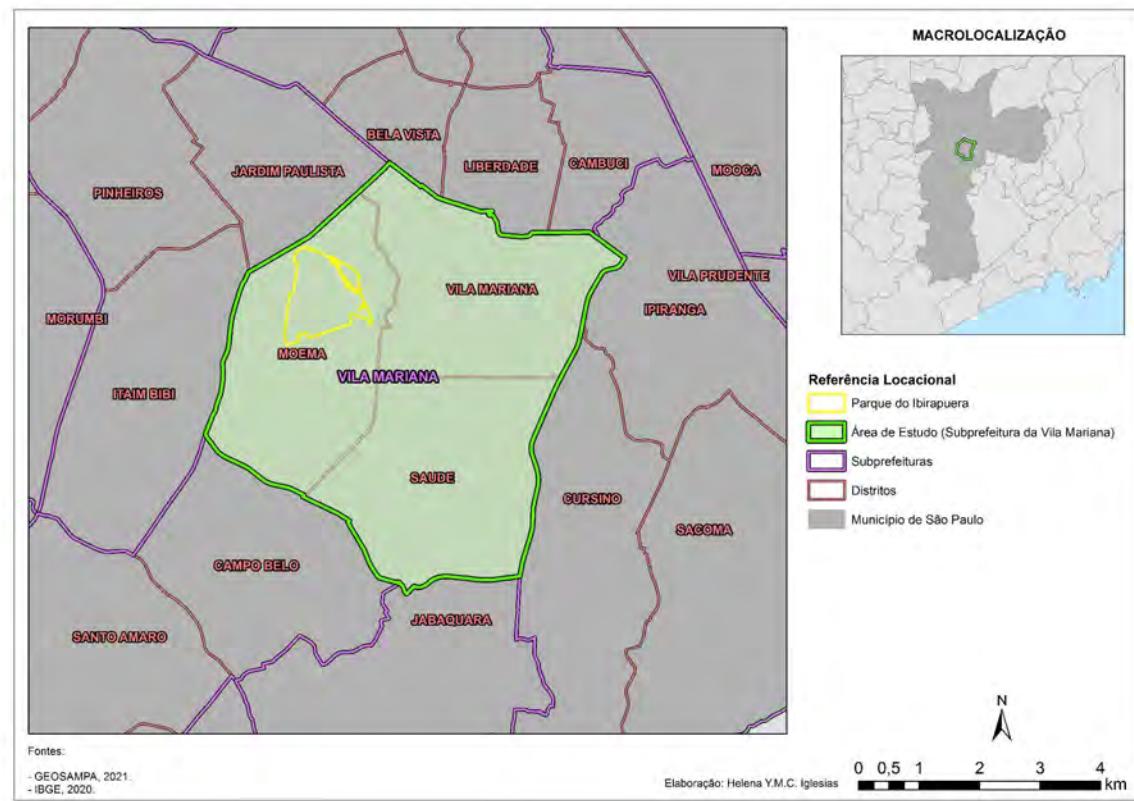


Figura 1: Localização da área de estudo. Organização: Helena Y. M. C. Iglesias, 2021.

No ano de 2019, cursei a disciplina de Teoria Geográfica da Paisagem com o professor Yuri Tavares Rocha, durante a qual realizamos um trabalho de campo no Parque do Ibirapuera e, posteriormente, um trabalho e uma apresentação sobre o mesmo local. As descobertas advindas dessa experiência aguçaram uma curiosidade pois, residindo em São Paulo desde o nascimento, consigo contar nos dedos de uma mão as vezes em que fui ao Parque do Ibirapuera. É um lugar belíssimo com uma história interessantíssima, de detalhes e curiosidades pouco conhecidas, infelizmente.

Durante a pesquisa e a elaboração dos mapas aqui apresentados, no entanto, pude compreender um pouco mais sobre um pedaço importante da história de São Paulo, donde o questionamento do principal objetivo nasceu ao verificar que o parque poderia ter seu inicial propósito findado ao cair nas mãos da iniciativa privada, mesmo que de modo concessionário.

Tendo tudo isso em vista, este trabalho tem o intuito de mostrar simultaneamente a evolução do aprendizado ao longo da graduação e realizar

considerações acerca da evolução de um espaço tão apreciado na capital paulista, esperando que sirva de base para um pensamento mais crítico quanto ao assunto.

1.2 - OBJETIVOS

Objetivo geral

Como objetivo principal deste trabalho, busca-se analisar a evolução e a ocupação do solo na região do Parque do Ibirapuera, localizado no distrito de Moema (com a área de estudo sendo a região da subprefeitura da Vila Mariana, afins de facilitar a comparação entre as imagens), tendo em vista compreender se o parque ainda tem o mesmo propósito para o qual foi concebido. Utilizando-se de técnicas de geoprocessamento, busca-se clarear o caminho analítico da relação espacial da localidade do Parque com os objetivos específicos propostos.

Objetivos específicos

- Realizar uma análise espacial através da comparação e fotografias aéreas de 1940 e 1954, e imagens de satélite de 2005, 2011, 2015 e 2020;
- Discutir a antropização da paisagem antes natural (por volta de 1940);
- Avaliar o contexto urbano da época da construção do Parque, o mesmo do quarto centenário da cidade de São Paulo;
- Comparar a área do parque antes e durante a sua construção, onde antigamente encontrávamos um brejo, com o parque atualmente, encontrando o conjunto de três lagos, através de mapas;

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

2.1 - BREVE HISTÓRICO DA ÁREA

De origem tupi-guarani, o nome “*Ibirapuera*” significa árvore apodrecida, fazendo alusão à região brejosa e “lamacenta” na qual é localizado (devido a geomorfologia local, o parque foi construído em um fundo de vale, que fora alimentado por quatro córregos). Para CURI (2018):

[...]o parque é resultado das equações tensas entre público e privado da cidade, mas também o seu vetor, uma vez que ele impulsiona tal equação na cidade, por seu papel absolutamente central. [...] [C]omo um lugar de negação visual da arquitetura urbana, de seu escape, é como uma não cidade dentro da cidade [...] Foi, no entanto, concebido como espaço público misto, arborizado e, simultaneamente, construído materializando uma ambivalência formal que facilitará sua integração a uma lógica de ocupação urbana voraz, em que a função coletiva, pública, cede espaço a expectativas privadas, instaladas dentro ou fora da esfera pública. [...] [O] Ibirapuera é então tomado como um objeto capaz de iluminar as contradições da própria cidade. Afinal, ao investigar a história do principal parque de São Paulo, o objetivo maior é compreender os usos, não usos, desusos e abusos sobre esse espaço público simbólico da metrópole, e mais amplamente, sobre a dimensão pública do espaço urbano numa das cidades mais populosas do mundo. [...] [O] desafio de se fazer de um parque um espaço público consiste em criar um território aberto - para todos - numa cidade capitalista dividida socialmente. (CURI, 2018)

Foi no ano de 1954 que ocorreu a entrega, na primeira gestão do Prefeito Jânio Quadros. Porém existiram disputas cerca de anos antes, por instituições e pelo mercado imobiliário, que deram início à concepção de um parque público cuja a lei de implantação surgiu no ano de 1926, quando o então prefeito Pires do Rio era enérgico quanto a preservação da área como patrimônio público, em contramão a todos os interesses externos. BARONE (2017) trata, em seu artigo “Antes do Parque do Ibirapuera: a história do vazio” (1890 - 1954), do período entre o destino dado ao terreno em 1926 até sua entrega em 1954. Ali era um vazio extremamente cobiçado pelo setor público e pelo setor privado, que pareceram jogar uma espécie de “cabo de guerra”, onde diversas propostas foram apresentadas e foram jogadas de instituição para instituição, querendo até alocar o Jockey Clube na área do Ibirapuera, com a desculpa de que seria desagradável implantar ali um viveiro de plantas. Perpassando por problemas jurídicos e investidas incessantes, a decisão de

criar ali um parque público pareceu ser a solução mais efetiva para acalmar os ânimos e assim presentear a população. Na obra O bairro de Moema - transformação e verticalização: causa e efeito (2003), publicada pela Prefeitura, o autor comenta ainda que:

Afim de melhor entender o processo de verticalização do bairro, iniciado na década de 50, é importante considerarmos que esse processo ocorre, invariavelmente, em decorrência do desenvolvimento tecnológico e dos investimentos na área habitacional e da construção civil em geral, em virtude da política do desenvolvimentismo, criada pelo governo Juscelino Kubitschek no final da década de 50, cujo lema era : 50 anos em 5. (AUTOR DESCONHECIDO, 2003).

Na década de 50, aconteceram as comemorações do quarto centenário de São Paulo. O parque do Ibirapuera foi uma espécie de “presente” dado à população da cidade. O famoso arquiteto Oscar Niemeyer foi escolhido para fazer o projeto do parque, criando os pavilhões e algumas das esculturas presentes ali. Também foi de sua autoria uma escultura chamada “*Voluta Ascendente*”, que não conseguiu ser mantida em pé devido ao seu “formato ousado”, porém ela se encontra presente dentro de um círculo azul na embalagem do “Dadinho”, um doce criado para homenagear a cidade em seu aniversário de quatro séculos pela Chocolates Dizioli - em sua embalagem também está escrito “IV Centenário” e a cor prateada é proveniente de flâmulas prateadas que foram derramadas sobre a cidade em comemoração (ESTADÃO, 2014; LIMA, 2016; GARCIA, 2019; SITE OFICIAL: DADINHO ORIGINAL;).

Ciccillo Matarazzo, empresário de origem italiana, foi chamado para ser uma espécie de patrono organizador dos eventos, e uma de suas ideias era conseguir uma sede para a Bienal de Artes de São Paulo. Um local que fosse gratuito, que fosse de fácil acesso para aqueles que não possuem familiaridade com a arte, que pudesse levantar um interesse pela proximidade com uma área verde (teoricamente, um parque seria uma área verde onde um indivíduo poderia desfrutar amplamente da natureza sem gastar dinheiro) e agitar a curiosidade. Isso também é uma situação prevista por Eunice Barbosa (2001), ainda segundo a qual:

[...]existem duas forças básicas agindo sobre o ambiente da cidade: a primeira, surgindo desses interesses e aspirações individuais ou setoriais e, a outra,

que muitas vezes é chamada de interesse da coletividade, buscando organizar, planejar e regulamentar os interesses diversos e muitas vezes conflitantes. [...] Outras áreas da cidade deixaram de cumprir suas funções originais e/ou não se readaptaram satisfatoriamente às novas demandas, servindo atualmente a usos muito aquém de suas possibilidades, ao passo que algumas áreas ainda mantém suas funções e características básicas iniciais. (BARBOSA, 2001)

É importante ressaltar que a verticalização do bairro e do entorno do parque está diretamente relacionada ao que Anitelli e Tramontano (2012) identificaram como um grande boom do mercado imobiliário paulistano: o período do pós-Segunda Guerra. Antes disso, havia cerca de 2mil moradias no mercado. Depois, o número alcançou 14mil, posteriormente dobrou para 28mil na década seguinte e chegou a 41mil nas duas décadas posteriores. Os autores argumentam que esse processo está intimamente ligado ao desenvolvimento da metrópole e às crescentes demandas pelo espaço urbano, cada vez mais tratado como negócio.

2.2 - A CIDADE COMO NEGÓCIO

Infelizmente, a democratização não aconteceu completamente. Em realidade, a presença do parque aumentou o valor do entorno e permitiu a elevação do custo de vida de toda a região. Consequentemente, pessoas de baixa renda foram gradativamente mais afastadas dessa importante área verde. Para se ter uma noção, a FIPE¹ mostra que m² em Moema custa cerca de R\$13.044,00 e, na Vila Mariana, cerca de R\$11.819,00. O ano de 2021 foi consumado com uma alta de 5,29% no índice FipeZap, responsável por averiguar o preço da área, coisa não vista desde 2014.

Dentro da Subprefeitura da Vila Mariana, encontram-se o distrito de Moema (onde está localizado o Parque do Ibirapuera) e o distrito da Vila Mariana, ocupando o quarto e o quinto lugar, subsequentemente, nos dez distritos/bairros/zonas mais

¹ A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) é uma organização sem fins lucrativos, fundada no ano de 1973. De acordo com o site oficial da FIPE, ela é responsável por analisar os fenômenos econômicos e sociais, utilizando-se de instrumentos pertencentes à Economia. Também é criadora do índice FipeZap, este sendo "O primeiro índice de preço com abrangência nacional que acompanha os preços médios de venda e locação de imóveis residenciais e comerciais."

representativos no cálculo desse índice. Ambos os distritos estão no entorno do parque e foram valorizados com sua presença. Segundo dados do Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras, a subprefeitura da Vila Mariana:

Apresenta distritos com níveis médio e alto de atividade econômica, de maneira que, no conjunto, se torna a quarta subprefeitura mais dinâmica do município. Ao todo, responde por cerca de 8,2% dos postos formais de trabalho do município, cerca de 360 mil empregos. Tem o segundo mais elevado padrão de renda dentre as subprefeituras paulistanas. Com apenas 3% da população da cidade, detém mais de 10% dos rendimentos auferidos e o rendimento domiciliar médio *per capita* é superior a R\$ 4 mil mensais (2010). (Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras Quadro Analítico Vila Mariana, 2018, pp. 9)

A ideia de que a propriedade imobiliária se converte numa forma de capital fictício e que essa é a forma hegemônica da reprodução capitalista hoje se coloca como elemento chave para situar a cidade como negócio e ilumina a compreensão da violência do processo de reprodução atual.

Isso vai de encontro com que ALVAREZ PINTO (2018) expõe em seu capítulo "A produção e reprodução da cidade como negócio e segregação", o que se conecta com o que a FIPE apresenta. Assim, pode-se entender de que forma o avanço das edificações de apartamentos na região da Subprefeitura da Vila Mariana (em específico, mas estendendo-se a toda metrópole de São Paulo), solidificam uma fragmentação do espaço mas ao mesmo tempo um controle dessas áreas nas mãos de uma classe capitalista dominante. Uma classe que esbanja cada vez mais em obras verticalizadas. O processo, entretanto, não é endógeno nem util, como mostram KRAIESKI e CONCEIÇÃO (2018):

O processo de verticalização avança para as cidades de pequeno e médio porte brasileiras, e, ao mesmo tempo que modifica as formas de habitação, também influencia as relações entre seus moradores. Este processo teve início nos Estados Unidos, e é consequência do avanço da economia capitalista, marcado por uma crescente densidade populacional nas cidades, maior liberalismo nas legislações locais, preço elevado das terras e propriedades, entre outros fatores (FERREIRA, 2006). Como aponta Somekh (1997), no Brasil, bem como em outros países em desenvolvimento, a verticalização não concretizou o ideal modernista de produção em massa de moradias populares, como solução para um problema social. Ao contrário, a moradia em edifícios foi utilizada como um modelo de modernidade a ser

seguido por classes média e alta. Neste sentido, diferentemente de países como a Alemanha, o Brasil “importou” o modelo de verticalização sem incorporar a questão social como objetivo principal, mas como ideia central de um “urbanismo modernizador” (SOMEKH, 1997).

Em nome da segurança pessoal e da violência urbana, mudanças significantes nas relações sociais têm ocorrido nas cidades, legitimadas por atos ou omissões de instituições governamentais, e que geram formas contemporâneas de segregação e homogeneização residencial (GARCIA SANCHEZ; VILLA, 2002). Deste modo, o espaço é conformado a partir da cultura do medo, que amplia a segregação social. Com base nestes princípios, alguns condomínios residenciais podem ser classificados como “enclaves fortificados” na medida em que são construídas tendo como princípios básicos a segurança, o isolamento, a homogeneidade social, equipamentos e serviços, distanciando-se de outros moradores de classes sociais com menor poder aquisitivo (CALDEIRA, 1997). (KRAIESKI e CONCEIÇÃO, 2018)

Essas torres de apartamento - que clamam ter uma vista para uma incrível área verde ou possuir academia, piscina, muitos até possuem estabelecimentos comerciais como mercados e farmácias dentro de seus terrenos - contribuem com um avanço da urbanização um tanto quanto desenfreada. Um grande fator indutor do crescimento urbano foi a concepção do uso da terra como moradia, mas consequentemente como meio de aumento do lucro das propriedades imobiliárias. Segundo BARBOSA (2001):

O grande fator condicionante da verticalização residencial também foi a existência da demanda. O crescimento da classe média, [...] criou uma demanda por habitação ávida por uma localização privilegiada em relação às classes populares e com poder aquisitivo suficiente para comprar essa localização. [...]

[...] Outros fatores importantes para a verticalização foram o desenvolvimento da técnica, que permitiu a construção dos edifícios, e uma mudança no padrão cultural, com uma aceitação maior do apartamento como forma de morar. A importância do fator cultural na verticalização residencial também pode ser observada pela atração que bairros de classe média e de elite exercem sobre ela, onde além das boas condições ambientais (infra-estrutura, acesso, etc.) também conta o valor social da área, o status, muito bem explorado pelo mercado imobiliário, ao chamar, por exemplo, Santa Cecília ou Higienópolis ou Vila Hamburgo de Alto da Lapa para que o apartamento ganhe mais status junto a seus compradores em potencial. (BARBOSA, 2001, pp. 175-176)

As tentativas de produzir uma cidade para as pessoas e não apenas visando o lucro existiram; a criação do Parque do Ibirapuera pode ser colocada como uma dessas tentativas, que, fortuitamente, tem persistido em seu intuito inicial de proporcionar uma forma de lazer à população sem incumbência de gerar qualquer tipo de lucro. "O que parece estar posto é que a contradição entre a produção social do espaço e sua apropriação privada e mediada pela propriedade, bem como as necessidades e os interesses de classe, fundamentam o processo de produção da cidade capitalista." (pp. 66).

No entanto, numa região cercada de imóveis com preços que podem ser considerados estratosféricos se comparados ao salário mínimo de São Paulo, que mal chega a R\$1200,00, não é estranho o interesse de empresas privadas voltarem a possuir um interesse voraz em se apropriar de um espaço que não esteja servindo como uma forma de negócio. Ainda segundo a autora:

A propriedade imobiliária, no capitalismo, não é em si capital, mas pelo monopólio de sua posse, através da forma jurídica da propriedade, possibilita a capitalização de parte da mais-valia geral, o que confere aos seus detentores não apenas a possibilidade do uso, mas a de absorver parte da riqueza social através da troca, liberando esse capital imobilizado para entrar no circuito geral de valorização do capital. (*Op. cit.* pp. 72)

Por consequência, pode se presumir que o principal público frequentador do Ibirapuera, é a classe média alta ou alta que habita as suas redondezas, que, em sua maioria, não depende de um transporte público (este sofrendo cada vez mais aumentos nos preços das passagens, o que dificulta ainda mais o acesso à áreas de lazer). A democratização do acesso se torna cada vez mais crucial para evitar a segregação do resto da população a um espaço onde não é necessário o gasto monetário para aproveitar. Um local que foi considerado um presente de aniversário para São Paulo não deveria se tornar outro exemplo de como a cidade está cada vez mais se tornando uma forma de negócio, que parece crucificar um espaço destinado a uma forma de lazer que o sistema considera como "ociosa". Os cidadãos merecem dignidade para exercer o direito de viver a cidade, não de apenas residir nela como se ocupar o espaço sem estar tornando-o produtivo venha acarretado de culpa ou ansiedade.

3 - METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS

A metodologia utilizada é análise integrada de imagens, com a devida interpretação e contextualização. Utilizando o software ArcGis, foram georreferenciadas fotografias aéreas dos anos de 1940 e 1954, tomadas pelo Consórcio VASP/Cruzeiro, e imagens do Google Earth (provenientes do satélite LANDSAT 7 -antes de 2013- e LANDSAT 8 -depois de 2013), estas datadas de 2005, 2011, 2015 e 2020, escolhidas pela ausência de nuvens, coloração mais propícia às análises propostas nos objetivos desta pesquisa e clareza na resolução espacial (apesar da resolução ser considerada moderada, com pixels de 15 a 30m).

Com bases cartográficas originárias do IBGE e do GEOSAMPA (pertencente à Prefeitura de São Paulo) e bases confeccionadas de modo autoral através da delimitação de polígonos (oriundos das imagens de satélite), foram produzidos uma série de onze mapas. Um destes é uma reprodução de um mapa encontrado na pesquisa lançada anualmente desde 2012 “Mapa da Desigualdade” do ano de 2020, na página 67, intitulado “Renda Média Familiar Mensal”. Deu-se a necessidade da reprodução do mapa com os dados fornecidos por uma tabela da mesma pesquisa a fim de se modificarem as cores e adicionar um *zoom* na área de estudo escolhida para a pesquisa, para demonstração da renda média mensal das famílias localizadas nos distritos ao redor do Parque do Ibirapuera.

É importante salientar como, ao menos desde Bertrand (1968), a cartografia desempenha um papel fundamental na espacialização e interpretação de fenômenos. Através dos mapas comparativos, foi possível ilustrar o desaparecimento da vegetação nativa do local, alteração dos cursos d’água, a transformação na ocupação urbana do entorno e relacionar estes com a dinâmica da paisagem, possibilitando a comparação e compreensão da mudança ao longo do tempo. O intuito da utilização destes procedimentos é “colaborar no resgate das origens teóricas e metodológicas da utilização das Tecnologias da Informação Geográfica no subsídio do planejamento, análise espacial e à cartografia no contexto da Geografia, seja ela considerada Física ou Humana.” (PÉREZ MACHADO, 2021, pp.20), não classificando tais como mais eficientes por apenas se tratarem de tecnologias, buscando apenas exemplificar uma nova visão que seria pertinente à forma de como podemos analisar uma imagem, entender o contexto de um determinado local com um auxílio tecnológico.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro mapa a ser criado apresenta a localização da área de estudo (**Figura 1**), escolhida por ser a delimitação da Subprefeitura da Vila Mariana, englobando os distritos de Moema (onde encontramos o Parque do Ibirapuera), Vila Mariana e Saúde, que possibilitaram uma análise e uma compreensão melhor da região, sem que a visão ficasse restrita apenas ao distrito de Moema ou ao entorno específico do parque. Foi inserido um frame de macrolocalização do município de São Paulo, onde podemos encontrá-lo em meio a outros municípios do Estado de São Paulo.

Em segundo lugar, um mapa (**Figura 2**) com as fotografias aéreas do ano de 1940, 14 anos antes da construção do parque. Infelizmente as fotografias aéreas não foram suficientes para cobrir toda a área da subprefeitura da Vila Mariana, devido ao seu tamanho e a dificuldade de encontrar pontos em comum nas áreas que pudessem ser utilizadas para o georreferenciamento. No entanto, pode-se notar abaixo do parque, à sudoeste, os diversos loteamentos que irão se tornar edificações nas décadas futuras.

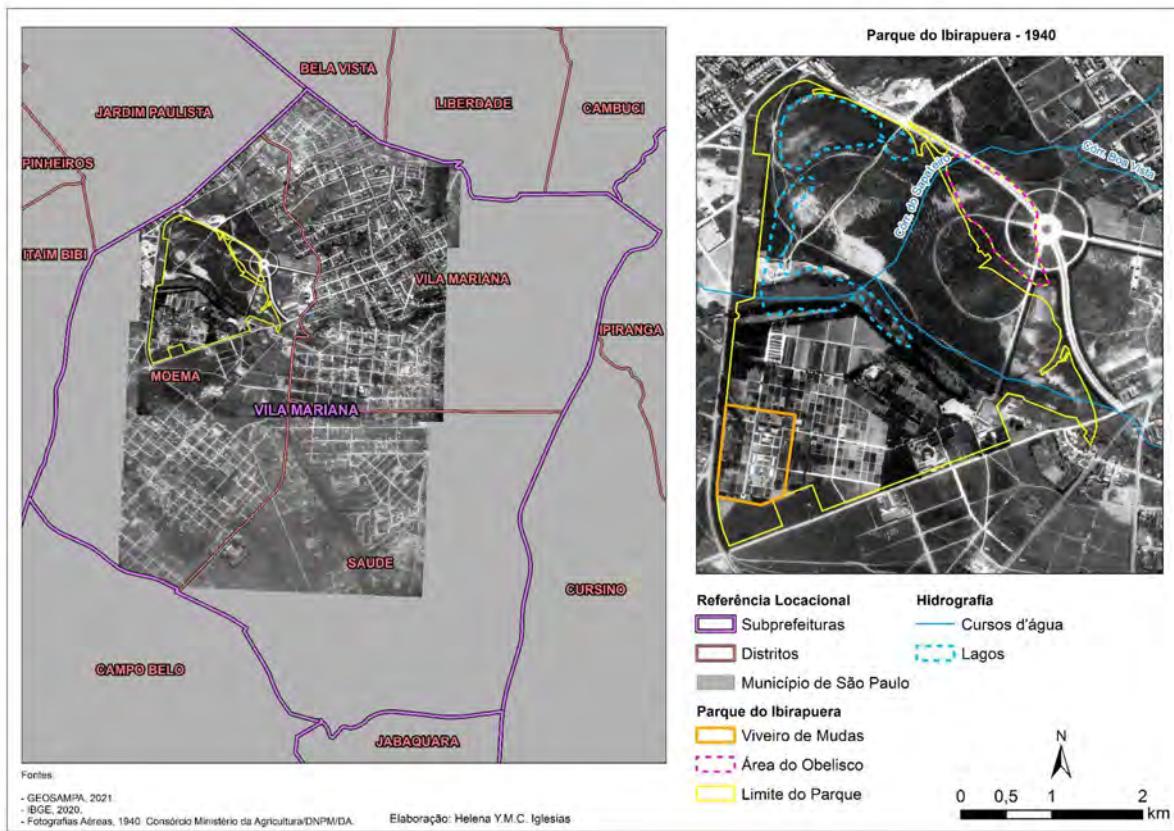


Figura 2: Área de Estudo em 1940, com zoom no Parque do Ibirapuera. Organização: Helena Y. M. C. Iglesias, 2021.

Também é possível identificar, agora pelo *zoom* dado na área do parque, as áreas brejosas que foram drenadas pelos Eucaliptos (espécie arbórea com incrível capacidade de diminuição de umidade e rápido desenvolvimento, porém exótica e não originária do Brasil) e se transformaram nos lagos. Podemos ainda identificar os cursos d'água, como o Córrego do Sapateiro e o Córrego da Boa Vista. Ao redor do que hoje é o Viveiro Manequinho Lopes (inclusive na área deste), encontramos diversas áreas de cultivo.

No ano de 1954 (ano de inauguração do parque), as fotografias aéreas foram suficientes para cobrir toda a área de estudo e levar a um terceiro mapa (**Figura 3**) esteticamente mais agradável e mais propício à análise comparativa.

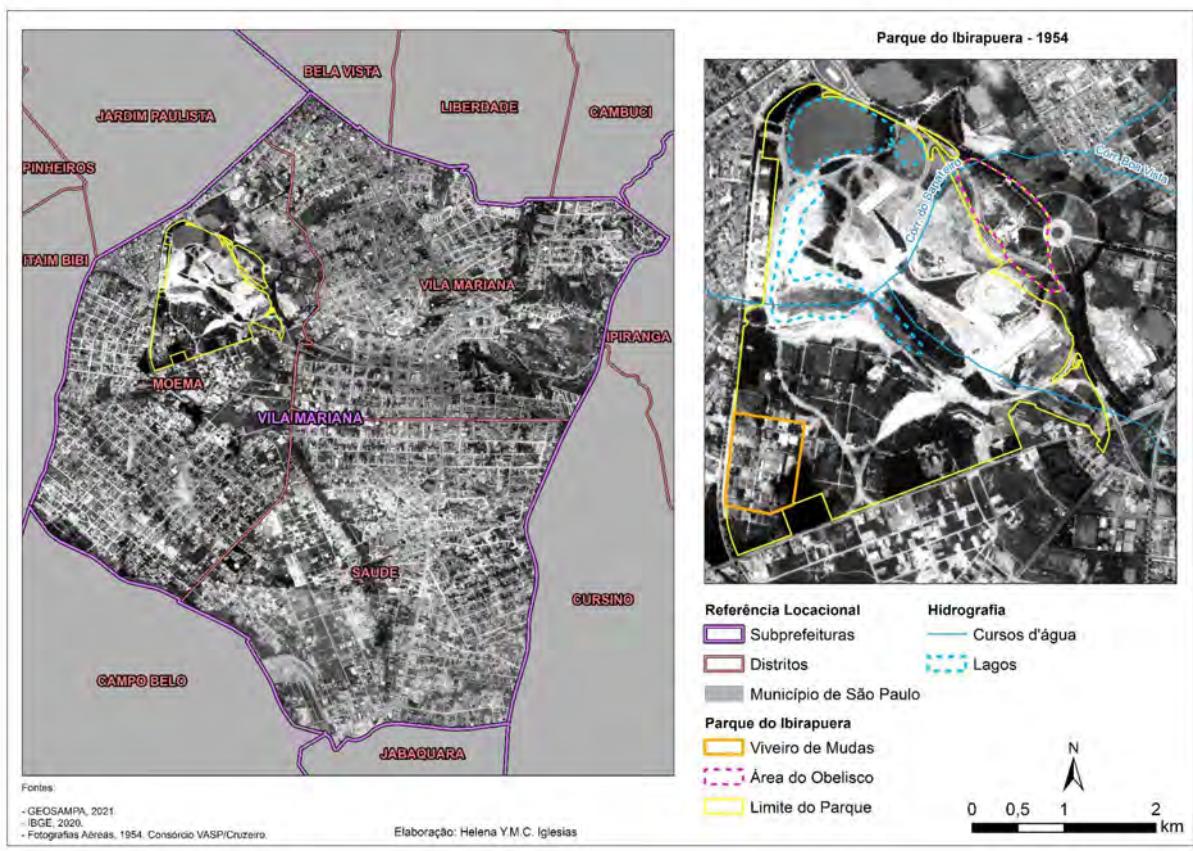


Figura 3: Área de Estudo em 1954, com zoom no Parque do Ibirapuera. Organização: Helena Y. M. C. Iglesias, 2021.

O elemento que mais salta aos olhos, se dá pelo solo exposto e um acúmulo de substâncias arenosas utilizadas para aumentar a drenagem da área brejosa (contrastante com o entorno pela coloração branco brilhante da fotografia), onde atualmente se localiza o conjunto de lagos. Já podemos perceber alguns pontos de vegetação (provavelmente os eucaliptos), o que leva a concluir que, a paisagem que vemos atualmente e que será exemplificada nos mapas seguintes, foi produzida pelo homem, seguindo um caminho estético de paisagens encontradas em países considerados centrais (Estados Unidos da América, Reino Unido, por exemplo), caminho este encontrado no naturalismo inglês.

Avançando no século seguinte, mais precisamente no ano de 2005, o quarto mapa (**Figura 4**), confeccionado a partir da imagem histórica de melhor resolução proveniente do Google Earth na área de estudo. É notável a quantidade de edifícios a sudoeste e sul do parque do Ibirapuera, no distrito de Moema, bem como ao norte do distrito da Vila Mariana, beirando a divisa com o distrito da Bela Vista.

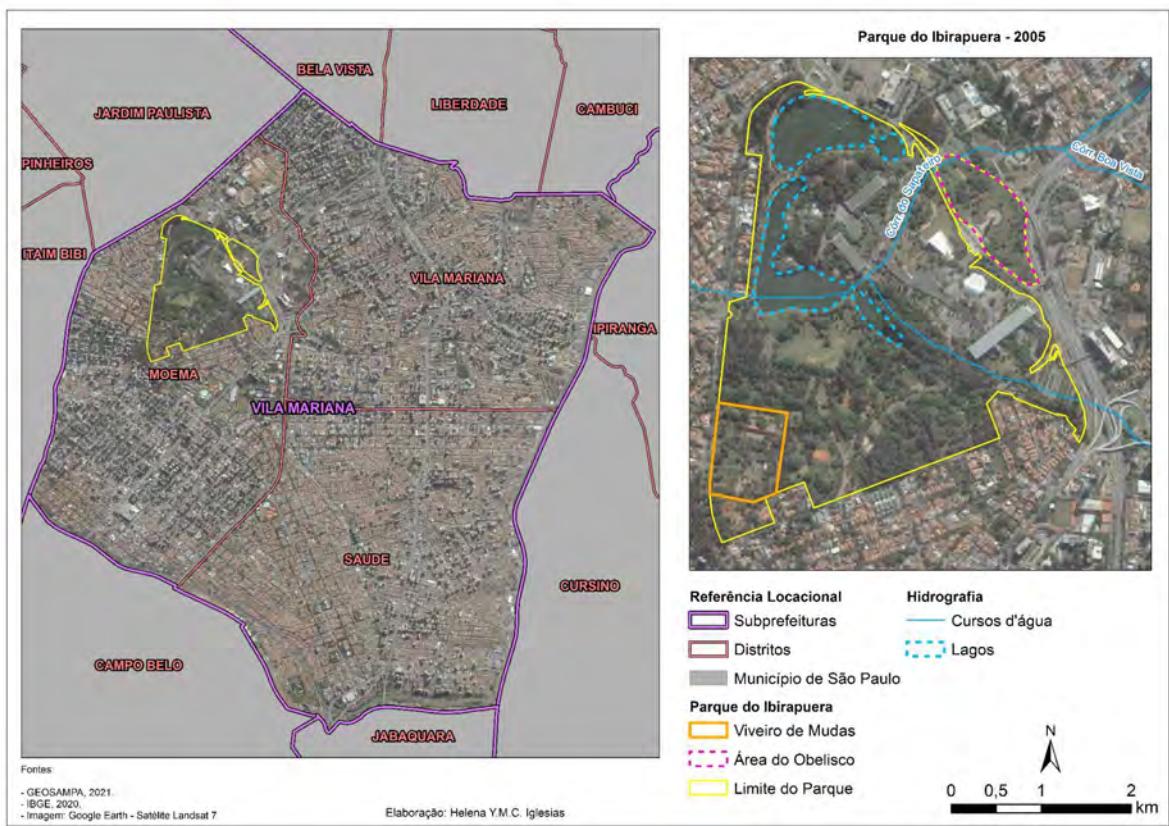


Figura 4: Área de Estudo em 2005, com zoom no Parque do Ibirapuera. Organização: Helena Y. M. C. Iglesias, 2021.

Com o zoom na área do parque e em seu entorno, pela cor amarronzada dos telhados, percebemos que se encontram apenas residências e os prédios, mesmo de pequeno porte, se encontram a uma distância maior. Isso leva a uma análise territorial e do privilégio dos moradores de classe alta e média alta ao redor, que são agraciados com uma enorme área verde (mesmo que seja uma paisagem artificial) e com o parque mais frequentado de São Paulo, que pode chegar a receber 150 mil pessoas por fim de semana. Teoricamente, para estas pessoas, é uma forma de lazer extremamente acessível que não requer nenhuma forma de deslocamento maior do que uma caminhada ou até um curto passeio de bicicleta (ao contrário das enormes distâncias em transporte público ou veículo particular que os moradores da periferia do município de São Paulo precisariam percorrer para chegar ao Parque do Ibirapuera).

Com uma imagem de seis anos após o cenário apresentado na figura anterior, foi produzido o quinto mapa (**Figura 5**). Percebe-se um adensamento cada vez maior dos edifícios na região dos distritos de Moema e da Vila Mariana, com

algumas áreas se tornando mais concentradas de prédios no distrito da Saúde. A análise advinda disso é não somente o aumento de um poder aquisitivo desta região, mas também o adensamento populacional em uma área considerada nobre (cada vez mais pessoas em uma posição privilegiada, com formas de lazer acessíveis).

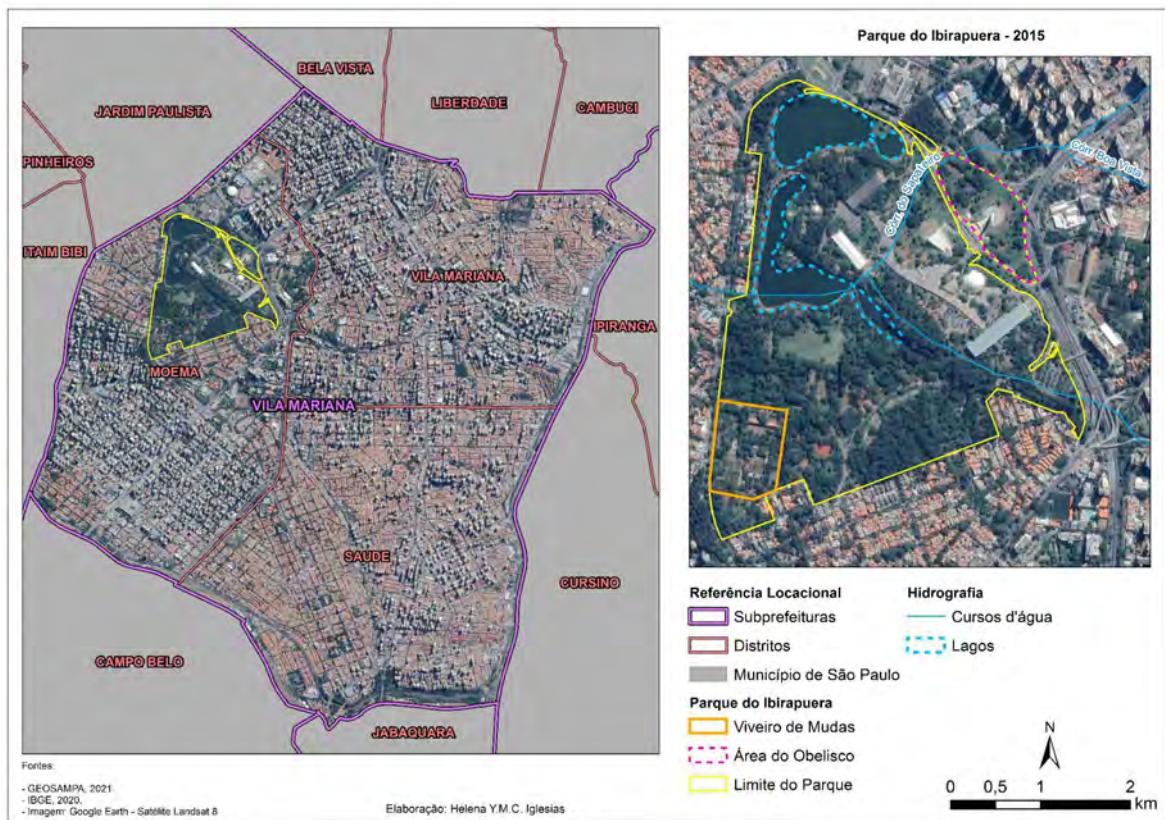


Figura 5: Área de Estudo em 2011, com zoom no Parque do Ibirapuera. Organização: Helena Y. M. C. Iglesias, 2021.

A imagem do *zoom* desta vez mostra com um pouco mais de clareza as estruturas encontradas no Parque do Ibirapuera (com destaque para a figura de uma “bailarina”, que teria sua cabeça na Oca, o braço no prédio do MAC (Museu de Arte Contemporânea), seu corpo na marquise e os pés no Museu Afro Brasil e no PACUBRA (Pavilhão das Culturas Brasileiras).

Quatro anos após a imagem apresentada no quinto mapa, encontramos um adensamento dos edifícios no distrito Saúde cada vez mais pronunciado, com destaque ao nordeste da região e da divisa do Distrito da Vila Mariana (**Figura 6**).

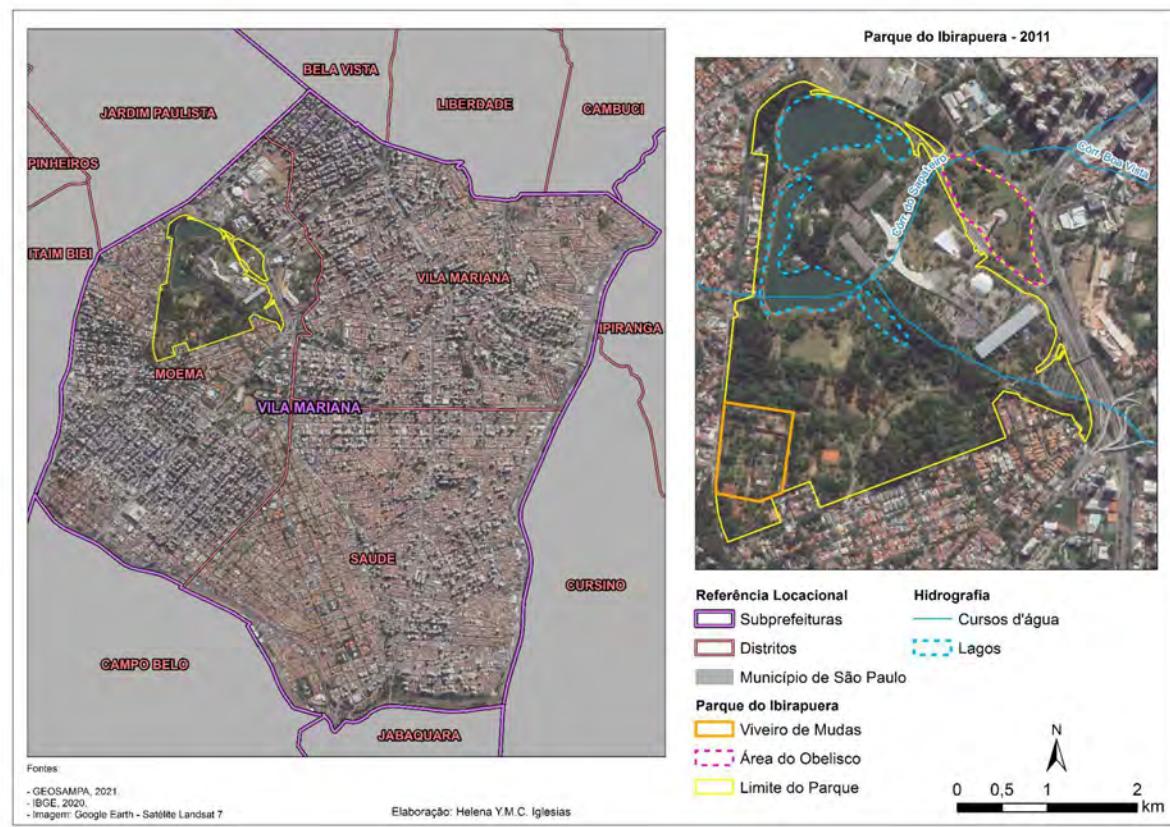


Figura 6: Área de Estudo em 2011, com zoom no Parque do Ibirapuera. Organização: Helena Y. M. C. Iglesias, 2021.

A verticalização avassaladora das formas de moradia na área de estudo, bem como a visibilidade destas no *zoom* do mapa e a relação destas com uma grande área verde, pode-se lembrar da ponderação de Bertrand (1968), acerca da paisagem: a paisagem seria um sistema, com ordens de fenômenos que encabeçam um início e fim, sendo os elementos destas físicos, biológicos e antrópicos. De idéias do mesmo autor francês, lembra-se da Teoria Geossistêmica (disseminada no mundo ocidental pela escola francesa), onde a noção de dinâmica é tão importante que “se pode classificar os geossistemas de acordo com seu estado ou estados sucessivos, assim como é possível assumir ou propor hipóteses sobre sua dinâmica futura, característica fundamental para a aplicação ou para o planejamento.” (RODRIGUES, 2011, p.5).

A paisagem desta região é um conjunto único e complexo, formado pelas vontades das classes dominantes, que possuem mais capital para a perpetuação do seu modelo de vida, que engloba a construção voraz de edificações com diversos

andares, que trazem cada vez mais cinza para uma paisagem já majoritariamente antrópica como São Paulo, transformando o Parque do Ibirapuera (por mais que seja uma paisagem natural artificial), em um "oásis verde na selva de pedra".

No último dos mapas de imagens do *Google Earth* com um *zoom* no parque, o sétimo mapa (**Figura 7**), apresenta, no ano de 2020, o que se pode dizer de uma transformação quase majoritária do distrito de Moema em habitações em forma de edifícios. O distrito de Moema também está sendo tomado por tal forma de urbanização, e pode-se predizer que o distrito da Saúde enfrentará um destino semelhante. Previsão que pode não significar um aumento na qualidade de vida dos moradores da região, mas um encarecimento do preço dos imóveis, com a ilusão de se estar ocupando um espaço exclusivo e restrito.

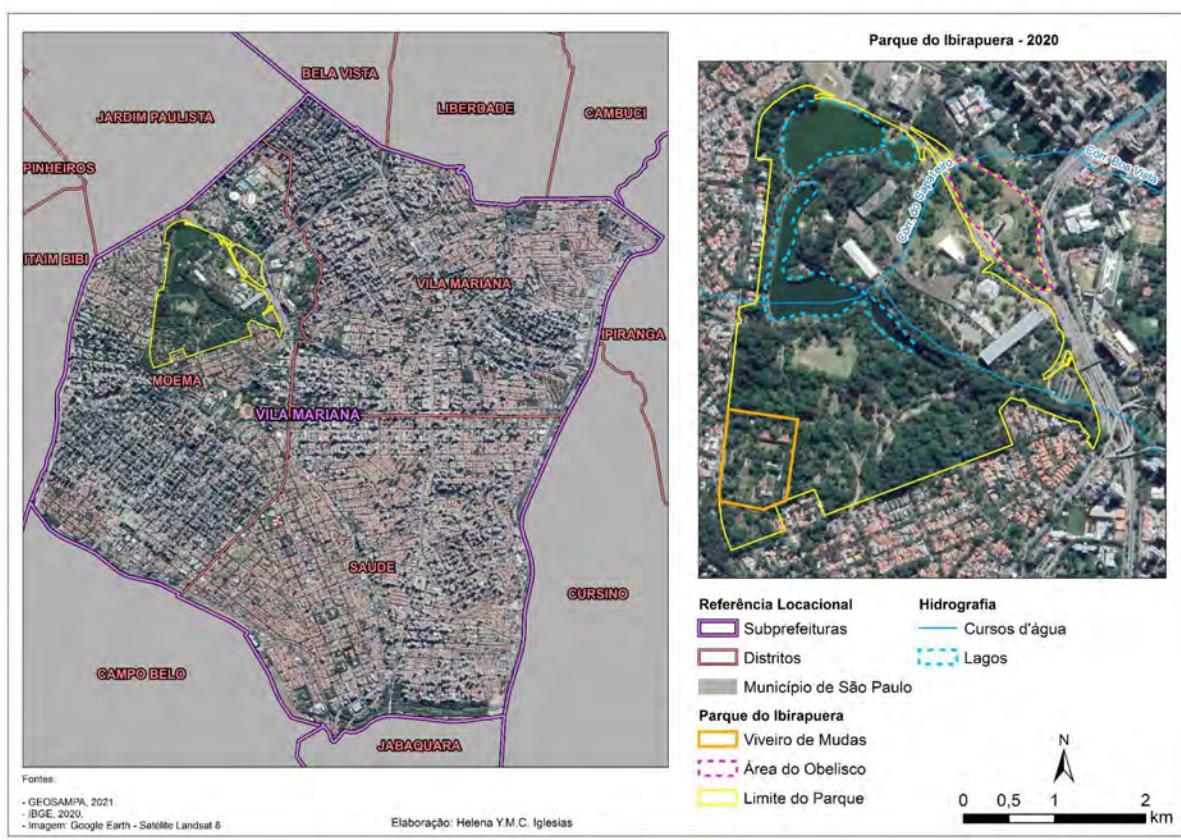


Figura 7: Área de Estudo em 2020, com zoom no Parque do Ibirapuera. Organização: Helena Y. M. C. Iglesias, 2021.

O oitavo mapa (**Figura 8**), foi reproduzido com base no Mapa de Renda Média Familiar Mensal, pertencente a uma pesquisa realizada anualmente pela Rede Nossa São Paulo desde 2012, um estudo que apresenta indicadores dos 96 distritos da capital.

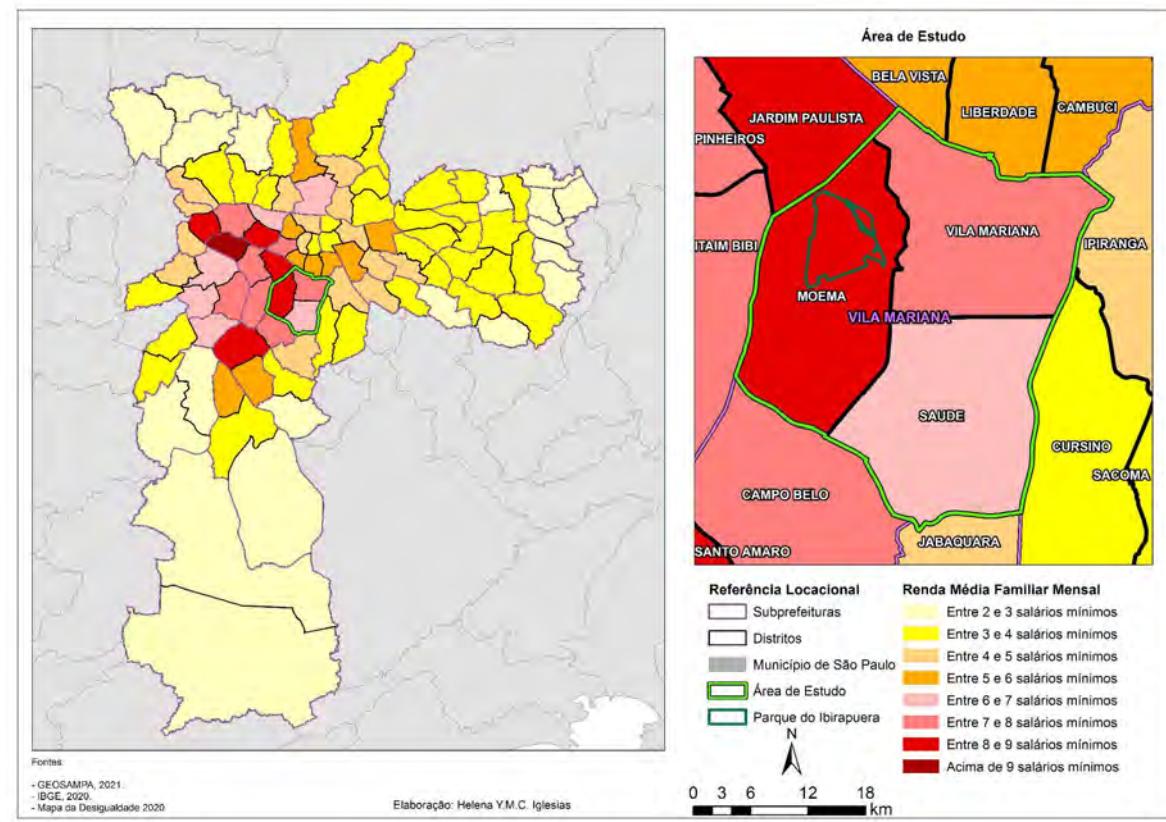


Figura 8: Renda Média Familiar Mensal, Reprodução de Mapa com Alteração de Cores.

Organização: Helena Y. M. C. Iglesias, 2021.

No mapa em questão, o indicador apresentado é o de Renda Média. Pode-se perceber a concentração de famílias com mais salários mínimos por mês no centro do município de São Paulo (onde está localizada a área de estudo), contrastando de forma gritante com os distritos da periferia do município, onde a renda média fica entre 2 e 3 salários mínimos. Com o zoom na área de estudo, podemos constatar que a subprefeitura da Vila Mariana engloba rendas médias entre 6 e 9 salários mínimos, retratando um poder aquisitivo extremamente discrepante do resto da população de São Paulo. Claramente, é uma das regiões consideradas nobres do município, onde a qualidade dos serviços (tanto públicos como privados), será mais elevada, o que acarreta em uma qualidade de vida melhor para os habitantes.

Em nono lugar, foi elaborado um mapa (**Figura 9**) de Meios de Transporte, onde são destacados terminais de ônibus, estações de trem e estações de metrô (informações retiradas do GEOSAMPA no ano de 2021). A acessibilidade ao Parque do Ibirapuera aumentou com o tempo, conforme os investimentos em transporte público (nota-se pelo alastramento das estações de metrô), o que proporciona um melhor acesso a formas de lazer mais diversificadas para a periferia de São Paulo. Porém os extremos ainda tem dificuldade, alguns distritos não apresentam nem sequer um terminal de ônibus.

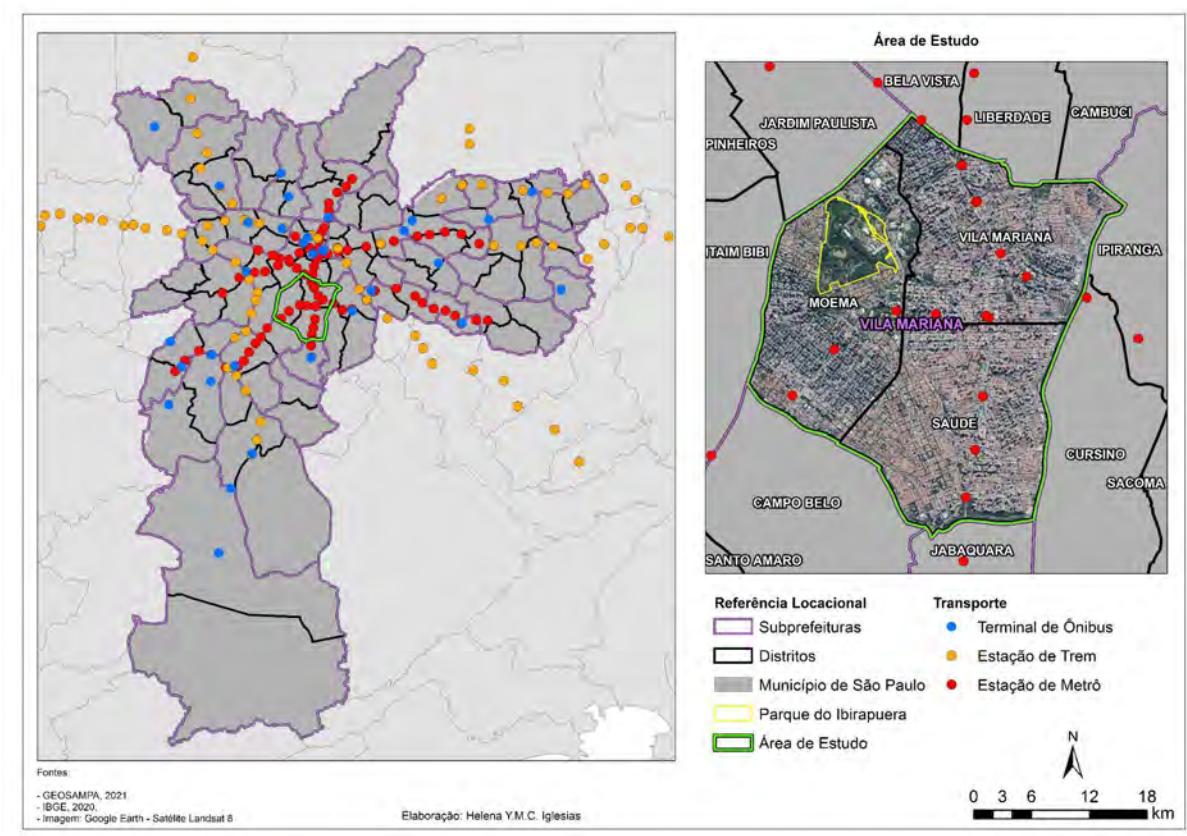
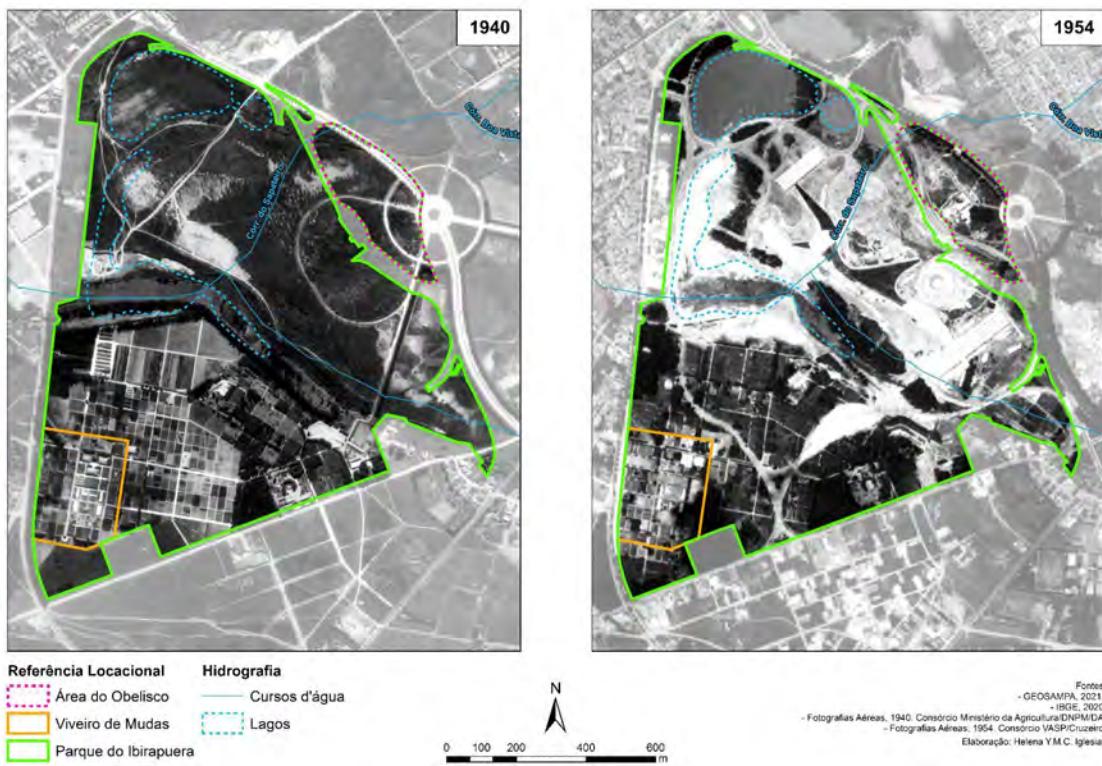


Figura 9: Meios de Transporte. Organização: Helena Y. M. C. Iglesias, 2021.

Mesmo com uma acessibilidade mais elevada, os distritos mais nobres (incluindo os englobados na área de estudo) ainda possuem meios de transporte considerados mais confortáveis para o deslocamento ou ainda não precisam fazer uso de tais meios para terem acesso a um dos maiores parques urbanos de sua cidade. BARBOSA (2001) também comenta sobre a relação entre a mobilidade e a verticalização:

A questão da acessibilidade e consequentemente dos transportes também aparece como uma hipótese importante. Segundo essa hipótese, áreas com boa acessibilidade teriam maior tendência a serem ocupadas rapidamente como a sofrerem transformações mais intensas, atraindo, sobretudo, a verticalização e o comércios/serviços. (BARBOSA, 2001)

Em décimo lugar, apresenta-se um mapa (**Figura 10**) comparativo entre as fotografias aéreas de 1940 e 1954, onde a análise feita é o começo da transformação radical que o local do Parque do Ibirapuera sofreu. Sua paisagem natural foi brutalmente modificada a fim de dar lugar a um parque artificial, onde o embelezamento urbano veio em primeiro lugar do que uma alternativa verde de lazer.



O último mapa produzido (**Figura 11**) traz um comparativo que pode chegar a chocar de primeira vez: uma área alagadiça, de brejo, foi totalmente modificada, basicamente apagada pela ação humana a fim de dar lugar a uma paisagem

artificialmente natural. Espécies arbóreas não nativas do Brasil estão plantadas ao redor de lagos igualmente “estranhos” à geografia física do local. Ao redor do parque, em lotes antigamente vazios, podemos notar um crescimento cada vez maior de residências (até mesmo prédios, como aparece na imagem à nordeste do Obelisco).

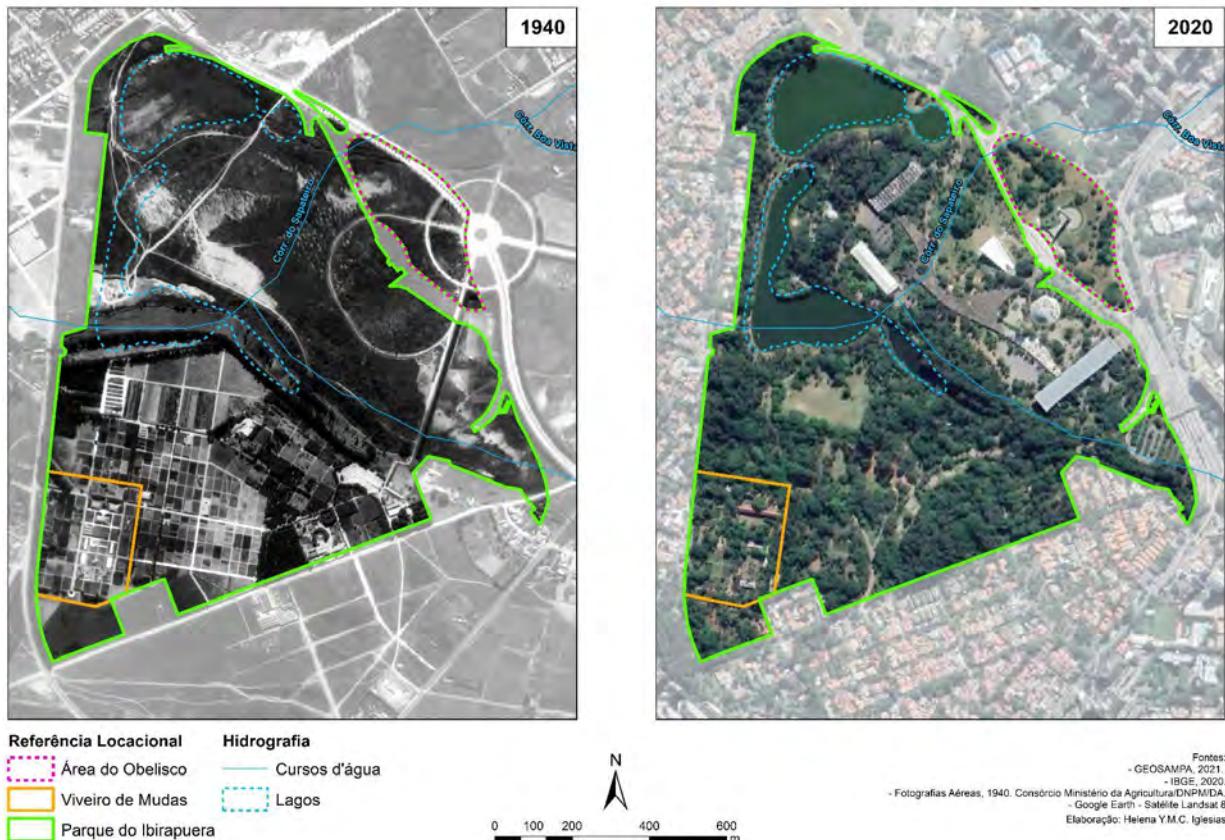


Figura 11: Comparativo entre 1954 e 2020. Organização: Helena Y. M. C. Iglesias, 2021.

4.1 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O Parque do Ibirapuera (terceiro maior parque urbano de São Paulo e o mais visitado) foi entregue à gestão privada em outubro de 2020, sob o regime de concessão. A concessão para a Urbia Gestão de Parques (pertencente à construtora Construcap), aconteceu em 2019, sendo que a intenção do ex-prefeito e atual governador João Dória era importar o modelo do Central Park de Nova Iorque para o Ibirapuera. Novos serviços como restaurantes e food trucks já foram implantados e a Urbia pretende investir mais no serviço de alimentação do local montando um

centro de distribuição, se tornando a fornecedora exclusiva dos itens vendidos nos carrinhos dos mais de 150 ambulantes. Foram realizadas também ações promocionais por empresas famosas como a Volvo e a Boticário. Porém, a reforma da marquise está atualmente interditada e os reparos foram estimados em cerca de 15 milhões de reais, que ficarão a cargo da prefeitura e a Urbia apenas assumirá a gestão do espaço depois.

Localizado em um dos 5 distritos com maior renda média familiar mensal, segundo a pesquisa do Mapa da Desigualdade que teve base também na pesquisa Origem e Destino de 2017, o Parque está localizado em uma área extremamente elitizado, com um entorno (a subprefeitura da Vila Mariana) que apresenta uma urbanização vertical cada vez mais voraz e como trata CARLOS *et al.* (2018): “a realidade como movimento da reprodução das relações sociais sob a orientação da expansão inexorável do processo capitalista, incorporando a produção do espaço da vida cotidiana e iluminando estratégias e projetos diferenciados.” Sobre a transformação do espaço, ZMITROWICZ (*apud* BARBOSA, 2001) diz que:

A cidade é formada por uma superposição de estruturas sucessivas, criadas através da readaptação dos elementos existentes ou da implantação de elementos novos. As transformações físicas são reflexo das transformações econômicas e sociais que ocorrem no sistema urbano-rural. (BARBOSA, 2001)

De maneira similar, Barbosa também comenta que as transformações estão diretamente relacionadas às demandas sociais e econômicas. Para a autora:

Para haver transformação é necessário haver demanda. Essa demanda não se distribui uniformemente sobre o território, procurando dentre as ofertas disponíveis aquela que melhor atenda suas necessidades. Essas necessidades, bem como todas as características de demanda e oferta variam ao longo do tempo, condicionadas principalmente pelas transformações socioeconômicas tais como alterações políticas, de valores culturais, desenvolvimento tecnológico, etc. [...]

A transformação do uso do solo em áreas residenciais é um processo, que ocorre com maior ou menor velocidade de acordo com a intensidade dos fatores transformadores. Muitas vezes esse processo pode ser benéfico aos interesses da cidade e dos moradores das áreas afetadas, representando uma renovação nas funções do bairro e impedindo a deterioração de sua qualidade de vida. [...] (BARBOSA, 2001)

É interessante como uma área verde tão importante, que chega a ter mais de 100 mil visitantes em um final de semana, parece tão miúda defronte ao avanço da urbanização, e parece afastar cada vez mais a população, pelo menos uma parte dela que não teria um acesso facilitado à Parques Urbanos com uma infraestrutura tão boa quanto a do Ibirapuera. Ações promocionais sendo realizadas em um espaço público levam a diversos questionamentos, mas principalmente a que tipo de público elas são direcionadas: a um público que já consome seus produtos ou às pessoas sem acesso ao espaço? É importante ressaltar também o que SPODI (2021) argumenta:

Nesse sentido a verticalização urbana é um fenômeno geográfico revelador da seletividade no uso do território pelo mercado de imóveis [...] É a expressão da modernização capitalista no espaço, impulsionados por uma série de agentes envolvidos na produção de edifícios, como o Estado, as empresas privadas, as construtoras, o setor imobiliário, entre outros. (SPODI, 2021)

Entre esses “outros” há as empresas que originam as propagandas e o consumo interno e externo ao parque.

Uma área verde, como LOCATELLI (2018) retrata em seu artigo publicado na revista “LABVerde”, pode servir tanto para a economia de consumo de energia elétrica pela regulação térmica como ser associada ao bem estar psicológico do indivíduo. Sem sombra de dúvida, parques fazem muito bem tanto à cidade quanto aos seus habitantes, porém a necessidade do capitalismo de transformar qualquer espaço em um **“espaço produtivo”**, minando quaisquer lugares que possam ser considerados ociosos de certa forma, poderá um dia acabar com um lugar que foi considerado presente para uma das cidades mais antigas do Brasil?

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada permitiu relacionar fotografias aéreas, imagens de satélite e procedimentos provenientes do geoprocessamento com uma análise da paisagem envolvendo seu dinamismo através dos anos (até através dos séculos, levando em conta a **Figura 11** com a comparação entre 1940 e 2020). Foi possível perceber a velocidade em que as transformações ocorrem em um local, em como a natureza deixa de existir tão rapidamente para dar lugar a um local que foi considerado um presente (mesmo com tantas disputas de poder e interesse envolvidas em sua criação).

De fato, pode-se confirmar o objetivo principal, o questionamento da função original do Parque do Ibirapuera foi mantido, ainda é um local de lazer, uma área verde (mesmo que não seja natural de certa forma) na qual o cidadão pode gozar de um pouco de ar puro. Resta saber até quando este sentido será mantido frente a tamanha verticalização e aumento no custo de vida.

Paulo César Garcez Marins, autor do artigo “O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista”, relaciona a criação de obras de arte ao redor do parque, fundamentadas na história de São Paulo até o seu quarto centenário, corroborando para um “forjamento simbólico” da identidade de ser paulista. Ser paulista parece estar intrinsecamente com movimentos de conquista, com maciças esculturas de pedra, mas seria interessante se fosse possível reinventar essa ideia e ligá-la talvez com a capacidade da transformação (transformação do espaço), que a nossa cidade apresenta.

Com o avanço das estações de metrô, criação de mais terminais de ônibus, uma melhora do transporte público, talvez as pessoas de áreas mais afastadas tenham mais oportunidades de conhecer um parque que muitos nem ouviram falar, mas também é importante salientar que se faz necessária a criação de mais ambientes de lazer por toda a cidade.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Eunice. **Evolução do uso do solo residencial na área central do município de São Paulo.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2001.

BARONE, ANA CLÁUDIA CASTILHO; **Antes do Parque Ibirapuera: a história do vazio (1890 - 1954).** Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material [online]. 2017, v. 25, n. 3 [Acessado 21 Novembro 2021] , pp. 167-194. Disponível em:
<<https://doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0306>>.ISSN1982-0267.
<https://doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0306>.

BERTRAND, G. **Paysage et Géographie Physique Globale: esquisse méthodologique.** In: Revue Geographie des Pyrénées et du Sud-ouest (Toulouse), v.39, n.3, p.249-272,1968.

CADERNO DE PROPOSTAS DOS PLANOS REGIONAIS DAS SUBPREFEITURAS QUADRO ANALÍTICO VILA MARIANA. Gestão Urbana. Prefeitura de São Paulo, 2018. Disponível em:
<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/QA-VM.pdf&ved=2ahUKEwjclZO5spH1AhWSppUCHTz2D8wQFnoECAgQAAQ&usg=AOvVaw13VQiXtCPekwhnqiOWmF3w>)

CALDEIRA, T. P. do R. **Enclaves fortificados: a nova segregação urbana.** Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n.47, p.155-176, mar./ 1997.

CARLOS, A. F. A.; VOLOCHKO, D.; ALVAREZ, I. A. P. **A cidade como negócio.** Editora Contexto, 2018.

CURI, V. de A. **Ibirapuera, metáfora urbana. O público/privado em São Paulo. 1954-2017.** Tese de Doutorado, USP, 2018.

DADINHO. **Site oficial.** Disponível em: <http://www.dadinhooriginal.com.br/sobre/>

ESTADÃO. **Cinco curiosidades sobre o bairro do Ibirapuera.** Artigo de jornal. São Paulo, 2014. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,cinco-curiousidades-sobre-o-bairro-do-ibirapuera,1592317>

FORTUNATO, Ivan. **Mooca, ou como a verticalização devora a paisagem e a memória de um bairro.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 12, n. 140.05, Vitruvius, jan. 2012 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.140/4189>>.

Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - FIPE. Índice Fipezap. Disponível em: <https://www.fipe.org.br/pt-br/indices/fipezap/>

GARCIA, R. **Dez curiosidades sobre o Dadinho. Artigo.** Veja São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://vejas.p.abril.com.br/blog/memoria/dez-curiousidades-sobre-o-dadinho/>

GARCIA SANCHEZ, P.edro; VILLA, M. **Vigilant Sociability and Private Urbanism. Residential Homogenization, Urban Practices and Citizenship in Caracas.** Perfiles Latinoamericanos, Vol.10(20), p. 207-242, 2002.

GEOSAMPA. **Sistema de Consulta do Mapa Digital da Cidade de São Paulo.** Prefeitura de São Paulo, 2021. Disponível em:
http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx

IBGE. **Catálogo de Metadados.** Brasil, 2021. Disponível em:

https://metadadosgeo.ibge.gov.br/geonetwork_ibge/srv/por/catalog.search#/search?facet.q=category%2Fbiomas&resultType=details&sortBy=relevance&from=1&to=20

IBGE. **Geociências - arquivos para download.** Brasil, 2021. Disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>

KANNER, G. **Como a gestão privada do Ibirapuera irá revolucionar o parque.** Artigo de jornal. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gabriel-kanner/2021/06/como-a-gestao-privada-do-ibirapuera-ira-revolucionar-o-parque.shtml>

KRAIESKI, V. de A. e CONCEIÇÃO, Z. da S. Verticalização e sociabilidade: as relações entre moradores de edifícios residenciais e suas formas de uso e apropriação do espaço. Artigo. Raega, UFPR, 2018.

LÊDO, É. HELENA, F. ALVES, I. REBOUÇAS, R.. Quais os satélites do banco de imagens do Google Earth? Grupo Transitar & Associados. Fortaleza, 2020. Disponível em:

<https://www.gtalevantamentos.com.br/artigo-quais-os-satelites-do-banco-de-imagens-do-google-earth/>

LIMA, Rodrigo. O Dadinho foi criado em homenagem ao IV Centenário de São Paulo. Artigo. Sobreviva em São Paulo, 2016. Disponível em:

<https://www.sobrevivaemsapaulo.com.br/2016/02/o-dadinho-foi-criado-em-homenagem-ao-iv-centenario-de-sao-paulo/>

LOCATELLI, M. et al. PANORAMA ATUAL DA COBERTURA ARBÓREA DA CIDADE DE SÃO PAULO. Revista LABVERDE, v. 9, n. 1, p. 29-48, 10 abr. 2018.

MARINS, P. (1999). O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista. Em: Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 6, n. 1, p. 9-36.

OLIVEIRA, A. O Doce Do IV Centenário – A História do Dadinho. Artigo. São Paulo in foco, 2015. Disponível em:
<http://www.saopauloinfoco.com.br/o-doce-do-iv-centenario-a-historia-do-dadinho/>

PÉREZ MACHADO, R. P. Integração geo-escalar: proposta de uma metodologia de identificação de mudanças no uso, ocupação e cobertura do solo aplicando a tecnologia geoespacial. Tese (Livre Docência em Livre-docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Doria estuda importar modelo do Central Park para o Ibirapuera.** Artigo, RNSP, 2016. Disponível em:

<https://www.nossasaopaulo.org.br/2016/11/09/doria-estuda-importar-modelo-do-central-park-para-o-ibirapuera/>

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da desigualdade 2020 revela diferenças entre os distritos da capital paulista.** Artigo. RNSP, 2020. Disponível em:

<https://www.nossasaopaulo.org.br/2020/10/29/mapa-da-desigualdade-2020-revela-diferencias-entre-os-distritos-da-capital-paulista/>

RODRIGUES, C. **A Teoria Geossistêmica e sua contribuição aos estudos geográficos e ambientais.** Revista do Departamento de Geografia, [S. I.J, v. 14, p. 69-77, 2011. DOI: 10.7154/RDG.2001.0014.0007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47314>. Acesso em: 15 out. 2021.

SOMEKH, N. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador.** São Paulo: Studio Nobel, EDUSP, FAPESP 1997.

SPODI, Pedro. **A importância do processo de verticalização urbana para o ensino de Geografia.** Revista Metodologias e Aprendizado, vol. 4, 2021.